

Machado de Castro nos jardins de Belém

A escultura realizada na Casa de Escultura dirigida por Joaquim Machado de Castro (1731-1822) para os jardins do Palácio de Belém é mais volumosa do que geralmente se crê. Ainda não há muito, no catálogo *Do Palácio de Belém* editado pelo Museu da Presidência da República de 2005, o texto sobre “Escultura. Do Palácio de Belém” da autoria de Carla Varela Fernandes, entre as várias esculturas de jardim abordadas, de Machado de Castro referencia apenas os já conhecidos *Apolo* e *Diana*.

O texto começa, e bem, por distinguir as esculturas encomendadas, concebidas e realizadas para os jardins daquelas que, vindas de outros edifícios e até de outros museus, lá foram colocadas e readaptadas á *posteriori*.

A autora apresentou novos e importantes dados no que se refere à análise das esculturas italianas importadas, nomeadamente com a descoberta do esboço de terracota para a *Morte de Cleópatra* de Ioseph Mazzuoli conservado pela Pinacoteca Nazionale, mas em depósito no Istituto delle Belle Arti de Siena.

O nosso contributo vai limitar-se a acrescentar mais um degrau no conhecimento da escultura realizada

na Casa de Escultura dirigida por Joaquim Machado de Castro para os jardins do Palácio de Belém, e fazer uma ou duas rectificações sobre esta matéria no texto em questão.

Definitivamente pouco conhecidas, inclusive dos autores coetâneos – pois as esculturas não são referidas nas descrições coevas do palácio nem das dos viajantes a Lisboa –, existem oito estátuas realizadas para a Quinta Real de Belém noticiadas pelo próprio Joaquim Machado de Castro na carta de 3 de Fevereiro de 1817 publicada por Henrique Lima (1925: pp. 319-323) em que, para se defender das acusações das delongas na entrega das encomendas, redige uma breve resenha da vastíssima obra que realizara até então.

Numa primeira frase, reportando a Belém, o escultor com uma pergunta retórica – “*Quem fez cuida q. seis estátuas em mármore, que estão guardadas em uma Casa das Quintas de Belém, se não estes calumniados?*” (Henrique Lima, 1925: p. 320) –, informa-nos sobre a quantidade de estátuas que já teria feito à muito tempo para Belém: seis. Na mesma missiva, o próprio Machado de Castro noticia que em 1817 ter-se-iam realizado mais duas estátuas em mármore de Itália

para Belém, prontas para deixar a Casa de Escultura ao mesmo tempo da *Gratidão* do Palácio da Ajuda, como se pode ler neste trecho: “Agora dou Parte a V. Ex.^a, como Principal Ministro da Repartição em que sirvo; e ao Snr. Visconde de Santarém, como Encarregado em Particular do complemento do Palácio Novo; de q aqui se achão tres Estatuas promptas a sahir desta Casa: duas em marmore de Italia p.^a as Reaes Quintas de Belem: e huma em marmore de Perpinheiro, representando a Gratidão: que he uma das determinadas p.^a o Palacio Novo; cuja sahida fica ao Arbitrio de Vossas Excellencias” (Henrique Lima, 1925: pp. 322-323).

Temos então notícia de oito estátuas realizadas no *Laboratorio* de Joaquim Machado de Castro para a Quinta Real de Belém, mas quais serão estas estátuas entre o vasto património escultórico dos jardins e Palácio de Belém?

Apolo e *Diana* seriam certamente duas delas – como está patente no “Catálogo da obra documentada de Joaquim Machado de Castro e da sua Oficina no Museu de Arte Antiga” (in Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga, Vol. III, nº 1, Lisboa, 1956) da autoria de Maria José de Mendonça –, cujos respectivos modelos são da factura de José Joaquim Leitão – segundo informação gravada na base do modelo – e Francisco Leal Garcia, como



Diana. *Laboratorio* de Joaquim Machado de Castro; José Joaquim Leitão; c. 1778; modelo em barro cozido; Alt. 34 x larg. 12,5 x Prof. 10,5; Lisboa; M.N.A.A., inv. 54 Esc. © M.N.A.A.

nos informa a etiqueta de papel colada na base do modelo escrita pela mão de Francisco de Assis Rodrigues – filho de Faustino Assis Rodrigues, braço direito de Machado de Castro –, na qual se lê “*Fran.co Leal Garcia f.*”. Não se percebe é porque é que depois de indicar correctamente os números de inventário dos modelos de barro cozido na nota dezassete, ao invés da imagem do modelo de *Diana*

– a que aliás a legenda pertence – surge na página 216 do dito catálogo a imagem do modelo em barro cozido da Fortaleza, modelada por Nicolau Possolo (nº inv. 55 Esc, M.N.A.A.).

Quanto a estas duas esculturas podemos rectificar a data da sua realização avançada por José Queiroz (*Cerâmica Portuguesa*, 1907) e aceite por Varela Fernandes como *circa* 1770. Efectivamente, sabemos que estavam a ser realizadas em 1778 para manter ocupados os ajudantes de Machado de Castro quando a Casa de Escultura enfrentava problemas de sobrevivência depois da morte de D. José I, como está patente na carta de Machado de Castro de 26 de Maio de 1778 à Junta do Comércio: “No tempo da suspensão das Obras Publicas me achava encarregado da factura de duas Estatuas, em q. elles trabalhavão, de Apollo, e Diana, q. e por ordem de S. Mag.de se fazião p.^a os seus Reaes Jardins; e as quaes estão bastantemente adiantadas. Tambem estava de concluir o painel de baixo relevo allegorico, no reverso do pedestal da Real Estatua Equestre; pois a brevidade com q. e se fez não deu lugar a poder se acabar, e se acha imperfeito; o q. e lamentão não só os Nacionais, mas ainda os Estrangeiros” (IAN/TT, Junta do Comércio, mç. 68, cx. 219, cf. documento encontrado por Miguel Faria e que nos foi gentilmente

cedido). Esta fonte permite-nos precisar que já se trabalhava nas estátuas do *Apolo* e *Diana* à data da suspensão do *Laboratorio* em 1777, prolongando-se a sua execução para lá de Maio de 1778.

Apolo e *Diana* tinham sido encomendadas ainda no tempo de D. José I, para colocar ainda não se sabia se na varanda ou nos jardins da Quinta de Belém – porque a principal preocupação fora manter os escultores ocupados –, razão pela qual em 1817 ainda se encontravam guardadas numa casa da Quinta de Belém, como descreve Machado de Castro na carta de 3 de Fevereiro de 1817. Facto curioso dada a actual localização das esculturas – visíveis mesmo para quem não frequentasse o Palácio. Assim, sem propósito bem definido nem localização definitiva prevista, as estátuas de *Apolo* e *Diana* só muito depois da sua execução vieram a ocupar esta posição estratégica, numa cidade voltada para o rio. O que explica a desproporção das mesmas face ao edifício.

Os modelos de barro cozido de *Apolo* de Francisco Leal Garcia – e não Faria como está no texto de Carla Varela Fernandes –, e de *Diana* de José Joaquim Leitão, com os quais fazem conjunto as esculturas do par *Adónis* e *Vénus* sobre a balaustrada do Jardim de Buxo, permitiam-nos deduzir que encontrámos quatro das



Minerva. *Laboratório* de Joaquim Machado Castro;
c. 1785; modelo em barro cozido;
Alt. 29 x larg. 13 x Prof. 9,5; Lisboa; M.N.A.A., inv. 54 Esc.
© M.N.A.A.



Minerva. *Laboratório* de Joaquim Machado Castro;
c. 1785; estátua em pedra; Tamanho maior que o natural;
Lisboa; Jardim do Palácio de Belém.
© Ana Duarte Rodrigues

seis estátuas referidas inicialmente por Machado de Castro. No entanto, a documentação confirma a realização de *Apolo* e *Diana* mas não faz qualquer alusão a nenhuma das outras estátuas, pelo que no estado actual da investigação seria prematuro avançar com estas atribuições.

É de frisar que apesar da identificação da autoria dos modelos estar correcta, visto tratarem-se de dois ajudantes de Machado de Castro – Francisco Leal Garcia e José Joaquim

Leitão – as esculturas foram encomendadas à Casa de Escultura dirigida por Machado de Castro e face à organização faseada da produção escultórica em fino-setecentos, início de Oitocentos, a autoria das obras não deixa de ser, à vista do próprio tempo, do director do *Laboratorio*, Joaquim Machado de Castro.

Conseguimos identificar mais duas esculturas realizadas no *Laboratorio* de Machado de Castro para o Jardim da Quinta de Belém baseando-nos num

outro modelo encontrado nas reservas do M.N.A.A. – *Minerva*. Colocadas sobre os pavilhões em forma de anfiteatro (1780-84), já construído no tempo de D. Maria I, as duas esculturas apresentam semelhanças formais e iconográficas evidentes que permite concluir pela mesma autoria.

Quanto à última encomenda de duas esculturas prontas em 1817, colocamos a hipótese de uma delas ser o *Hércules Farnesio*, que se encontra actualmente no Jardim-Museu do Instituto de Investigação Científica Tropical, e fazia então parte integrante da Quinta Real de Belém. A pesquisa documental confirmou as nossas suspeitas e acrescentou-nos algumas informações sobre a execução e a datação desta escultura: João José Elveni – outro ajudante de Machado de Castro –, em 6 de Agosto de 1806, encontrava-se desde há bastante tempo a trabalhar num *Hércules* destinado às reais quintas. Nesse documento lê-se: *“Informação a respeito do Requerimento do Ajudante da Caza da Esculptura Joao’ Jozé Elvenich; remetida p.º o R.al Erario em 6 de Agosto de 1806.*

Senhor. = Havendo o Professor da Caza da Esculptura representado por huma conta datada em 7 de Mayo do presente anno, que o Ajudante da Esculptura Joao’ Jozé Elvenich empregado na Aula e Laboratorio da mesma Caza, o primeiro que se admetio para o

ajudar na obra da Estatua Equestre; e que ficou continuando a ter exercicio, empregando-se nas mais obras que ali se tem feito: logo ao principio dera demonstrações do seu genio orgulhozo, que debalde elle Professor intentou moderar, com admoestaçoens que sempre forao’ inuteis; e que nestes ultimos tempos mandando-o trabalhar em huma Estatua de Hercules, que havia alguns annos estava projectada para alguma das Reaes Quintas, nela tinha empregado immenso tempo, comunicando a sua laxidão’ ao companheiro com quem trabalhava: ultimamente, que dando-lhe huma admoestação’ mais viva, em que lhe espunha, que o seu procedimento o obrigava a dar parte da sua conduta; respondera que o deploravel estado da sua saude lhe não’ permitia trabalhar na pedra, e que o empregasse em modelar: que attendendo a ser o mais antigo, e ter ajudado nas principaes obras daquella Caza com sufficiente prestimo, o removera da pedra, e o destinara para modelar, onde se tem portado com igual successo; pois que em hum Grupo, que muito bem se podia fazer em 6 dias mais bem acabado, gastara nelle 31. Que allem da sua negligencia no trabalho, o seu orgulho, a soltura de lingua, e outros relaxados costumes, o punhao’ na precisa obrigação’ de dar esta parte. O que sendo presente ao Ex.mo Inspector Geral das Obras Públicas mandou por Portaria de

12 de Mayo deste anno, que o sobredito Joao' Jozé Elvenich, fosse expulço, e riscado da Folha por onde vencia o seu jornal. Hé quanto posso informar a V.A.R. que mandará o que for servido. Caza da Intendencia das Obras Publicas 5 de Agosto de 1806. Do Intendente das Obras Publicas. = Duarte Jozé Fava." (IAN/TT, Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, Intendência das Obras Públicas, lv. 36, (1803-1809), fls. 47 a 48, in Ana Duarte Rodrigues, *A Escultura de Vulto Figurativa do Laboratório de Joaquim Machado de Castro (1771-1822): produção, morfologia, iconografia, fontes e significado*, dissertação de Mestrado apresentada à F.C.S.H./U.N.L., vol. II, Lisboa, 2004, p. 137).

Entretanto, o ajudante de Machado de Castro foi retirado do trabalho

da pedra, e ficamos sem saber se chegou a terminar a estátua.

Infelizmente, o contributo da nossa investigação não permite ainda identificar as oito estátuas realizadas na Casa de Escultura dirigida por Machado de Castro, contudo esperamos que outros trabalhos acrescentem novas informações e interpretações àquelas que aqui se apresentam para podermos num futuro próximo determinar com o máximo de segurança o relevo da presença de Machado de Castro nos jardins do Palácio de Belém.

Ana Duarte Rodrigues*

* Doutoranda em História da Arte da Idade Moderna na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia – FCT (POCTI, do Quadro Comunitário de apoio III 2000-2006, com fundo comunitário FSE e nacionais).